

## Uma Parada em Erhenrang

Dos Arquivos de Hain. Transcrição do Documento Ansível 01-01101-934-2-Gethen: Para os Estáveis de Ollul: Relatório de Genly Ai, Primeiro Agente Móvel em Gethen/Inverno, Ciclo de Hain 93, Ano Ecuménico 1490-97.

Estruturarei o meu relatório como se de uma história se tratasse, pois fui ensinado, na minha infância no meu mundo natal, que a Verdade é uma questão de imaginação. O facto mais sólido pode falhar ou prevalecer, segundo o estilo em que é narrado: tal como aquela singular joia orgânica dos nossos mares, que se torna mais brilhante quando é usada por uma mulher, mas, quando usada por outra, fica baça e se desfaz em pó. Os factos não são mais sólidos, coerentes ou reais do que as pérolas. Mas ambos são sensíveis.

A história não é apenas minha, nem é contada apenas por mim. Aliás, não tenho a certeza de a quem ela pertence; julgareis por vós mesmos. Mas é apenas uma e se, em certos momentos, os factos parecem modificar-se com cada nova voz, então tereis de escolher qual o facto que mais vos agrada. No entanto, nenhum deles é falso e a história é uma só.

Começa no 44.º diurno do Ano de 1491, que, na nação Karhide do planeta Inverno, corresponde ao Odharhahad Tuwa, isto é, o vigésimo segundo dia do terceiro mês da primavera do Ano Um. Aqui, é sempre o Ano Um. Nos dias de Ano Novo, modificam-se apenas as

datas dos anos passados e futuros, quando se conta para trás ou para diante a partir do unitário Agora. Portanto, decorria a primavera do Ano Um em Erhenrang, a capital de Karhide, e eu corria perigo de vida, sem o saber.

Encontrava-me numa parada. Caminhava atrás dos gossiwors e imediatamente antes do rei. Chovia.

As nuvens pesadas acastelam-se sobre as torres escuras, a chuva tomba sobre ruas profundamente cavadas, na cidade de pedra escura batida pela tempestade serpenteia lentamente uma longa fila dourada. À frente caminham os mercadores, os potentados e os artesãos da cidade de Erhenrang, ordenados por categorias, todos sumptuosamente vestidos. Deslocam-se sob a chuva forte com tanto à-vontade como peixes no mar. Os seus rostos permanecem calmos e atentos. Não marcham a compasso. Trata-se de uma parada sem soldados, sem sequer uma imitação de soldados.

Seguem-se os senhores, os autarcas e os representantes, que vão de um a cinco, ou quarenta e cinco, ou quatrocentos, vindos de cada Domínio e Condomínio de Karhide, numa vasta procissão ornamentada, que se move ao som da música de metais e blocos ocos de osso e madeira e do lamento seco e puro de flautas elétricas. As diversas bandeiras dos grandes Domínios confundem-se, sob a chuva, com o amarelo das flâmulas que cobrem o caminho e as várias canções de cada grupo chocam-se e interligam-se numa multiplicidade de ritmos, que ecoam na profunda rua de pedra.

Vem depois um grupo de malabaristas, com esferas douradas polidas, que lançam ao ar em relâmpagos de luz, para as apanharem e lançarem de novo, como jatos luminosos de uma fonte feita de malabarismo. De repente, todas as esferas douradas brilham como vidro, como se tivessem apanhado literalmente a luz: o Sol espreita por uma aberta entre as nuvens.

Atrás deles caminham quarenta homens de amarelo, tocando gossiwors. O gossiwor, tocado apenas na presença do rei, produz um absurdo bramido desconsolado; quarenta gossiwors, tocados ao mesmo tempo, abalam a razão, fazem tremer as torres de Erhenrang, sacodem um último aguaceiro das nuvens batidas pelo vento. Se isto é a Música Real, não admira que os reis de Karhide sejam todos loucos.

Segue-se a comitiva real, guardas, funcionários e dignitários, da cidade e da corte, delegados, senadores, chanceleres, embaixadores, senhores do Reino, nenhum deles a caminhar a compasso ou por ordem de importância, mas todos sem exceção a avançar com grande dignidade. E, entre eles, o rei Argaven XV, envergando túnica, camisa e calções brancos, perneiras de couro cor de açafão e um barrete pontiagudo amarelo. O seu único ornamento, e símbolo do seu poder, é um anel de ouro. Atrás deste grupo vêm oitenta homens robustos, que carregam a liteira real, coberta de safiras amarelas, na qual nenhum rei viaja já há séculos, uma relíquia cerimonial de há-muito-tempo. Ladeiam a liteira oitenta guardas armados com «espingardas de incursão», também elas relíquias de um passado mais bárbaro, mas ainda carregadas com grãos de ferro macio. A morte caminha atrás do rei. Atrás da morte vêm os estudantes das escolas de artesãos, das universidades, dos ofícios e dos Lares do rei, longas filas de crianças e jovens, vestidos de branco, vermelho, dourado e verde. Uns quantos carros escuros, lentos e suaves fecham o cortejo.

A comitiva real, da qual faço parte, junta-se numa plataforma de madeira nova, ao lado do ainda incompleto Arco da Porta do Rio. A causa do cortejo é justamente o acabamento desse arco, que completa o novo Porto de Estrada e Rio de Erhenrang, uma vasta operação de dragagem, construção e feitura de estradas, que levou mais de cinco anos e distinguirá o reinado de Argaven XV nos anais de Karhide. Acotovelamo-nos na plataforma, nas nossas vestes húmidas e pesadas. A chuva desapareceu, o sol brilha sobre nós, o sol esplêndido, radiante e traiçoeiro de inverno. Comento para o meu vizinho da esquerda:

— Está calor. Está mesmo calor.

O meu vizinho da esquerda, um karhidiano robusto e moreno, com o cabelo liso e basto, envergando uma pesada sobretúnica de couro verde bordada a ouro, e uma pesada camisa branca, e uns pesados calções, e um colar de pesados elos de prata com uma mão de largura, esta pessoa, que transpira violentamente, replica:

— Pois está.

Em torno da nossa plataforma apinhada, veem-se os rostos do povo da cidade, levantados como um mar de seixos castanhos e re-

dondos, nos quais brilham milhares de pares de olhos observadores, brilhantes como mica.

O rei sobe para uma prancha de madeira tosca, que conduz ao topo do arco, cujas extremidades inacabadas se elevam sobre a coroa, os molhes e o rio. Vendo-o subir, a multidão agita-se e murmura:

— Argaven!

Ele não reage. O povo não espera qualquer reação. Os gossiwors lançam um último bramido dissonante e calam-se. Faz-se silêncio. O sol brilha sobre a cidade, o rio, o povo, o rei. Lá em baixo, os pedreiros acionaram um guincho elétrico e, quando o rei se aproxima do topo do arco, a pedra angular passa por ele, é elevada, assente e ajustada quase sem ruído, apesar do seu enorme peso, no espaço entre os dois pilares, unindo-os num só, numa peça única, num arco. Um pedreiro, com uma espátula e um balde, aguarda o rei no alto do andaime; os outros trabalhadores descem por escadas de corda, como um enxame de moscas. O rei e o pedreiro ajoelham no seu pedacinho de andaime, suspensos lá no alto, entre o rio e o sol. O rei pega na espátula e começa a ligar as longas juntas da pedra angular com argamassa. Não se limita a passar a espátula pela pedra e a devolvê-la ao pedreiro; pelo contrário, dedica-se ele próprio ao trabalho, metodicamente. O cimento que usa é de um tom rosado, diferente da argamassa utilizada no resto do arco. Depois de observar o seu trabalho aplicado durante cinco ou dez minutos, volto-me de novo para o meu vizinho da esquerda:

— Fixam sempre as vossas pedras angulares com argamassa vermelha?

Pois essa mesma cor é claramente visível em torno de cada pedra angular na Ponte Velha, que se eleva na sua beleza sobre o rio, a montante do arco.

O homem — devo chamar-lhe homem, visto ter-lhe aplicado os pronomes ele e dele — o homem limpa o suor da testa e replica:

— Há-muito-tempo, as pedras angulares eram sempre colocadas com um cimento feito de ossos moídos misturados com sangue. Ossos humanos e sangue humano. Sem o elo de sangue, o arco cairia. Mas hoje em dia, usamos sangue de animais.

É frequente ele falar assim, com franqueza e cautela ao mesmo tempo, com ironia, como se nunca deixasse de ter consciência de

que eu vejo e julgo o que me rodeia com olhos de alienígena. Uma consciência rara, numa pessoa de uma raça tão isolada e de um estatuto tão elevado. É um dos homens mais poderosos do país. Não sei qual o equivalente historicamente correto da sua posição — vizir, primeiro-ministro ou conselheiro. A palavra que designa o seu cargo, em língua karhide, significa Ouvido do Rei. É senhor de um Domínio e senhor do Reino, alavanca de grandes acontecimentos. Chama-se Therem Harth rem ir Estraven.

O rei parece ter concluído a sua tarefa de pedreiro, para minha grande alegria. Mas ele passa sob a estrutura do arco, equilibrando-se na sua teia de andaimes, e recomeça laboriosamente do outro lado da pedra angular. Afinal, esta tem dois lados. Não adianta ser impaciente em Karhide. Os Karhidianos de fleumáticos nada têm, mas são obstinados, pertinazes, cimentam as suas juntas até ao fim. A multidão que se comprime na Represa de Sess não se importa de ficar a ver o rei trabalhar, mas eu aborreço-me e sofro com o calor. Até àquele momento, nunca sentira calor em Inverno e nunca mais voltarei a senti-lo. No entanto, não consigo apreciar a sensação. Estou vestido para a Era Glacial e não para o sol: carrego camada sobre camada de roupas, de tecidos de fibra vegetal, de fibra artificial, de pele, de couro, uma armadura cerrada contra o frio, sob a qual me sinto derreter como uma folha de rabanete. Tento distrair-me a observar a multidão e os outros membros do cortejo, encolhidos na plataforma. Olho para as bandeiras dos Domínios e Clãs, pesadamente pendentes e brilhantes sob o sol, e pergunto a Estraven o que representa esta, aquela e aqueloutra. Ele conhece-as todas, apesar de ali estarem centenas delas, algumas de Domínios distantes, de remotos Lares e minúsculas Tribos da Fronteira Tempestuosa de Pering e da Terra de Kerm.

— Eu sou da Terra de Kerm — explica ele, quando manifesto a minha admiração pelos seus conhecimentos. — Além disso, é meu dever conhecer os Domínios. São eles que fazem Karhide. Governar este país significa governar os seus senhores. Não que isso tenha alguma vez acontecido. Temos um ditado que diz *Karhide não é uma nação, mas uma querela familiar*. Conhece?

Não, nunca ouvira esse ditado e suspeito de que foi Estraven quem o inventou. Tem o seu cunho pessoal.